

A TECNOLOGIA SOB A ÓTICA DE DRUMMOND

Lúcia de Carvalho Fonseca¹

RESUMO

Este estudo tem como objeto a análise da obra de Drummond na perspectiva da relação homem-máquina. Em seu poema “Primeiro Automóvel”, o poeta anuncia a chegada de uma “nova aurora”, o progresso simbolizado pelo primeiro carro, sentenciando o “fim do cavalo”, “da tropa”, “da roda” e “do carro de boi”. Através da poesia, o autor critica a sociedade, aponta as transformações do ambiente e, acima de tudo, os propósitos a que se destina essa tecnologia.

INTRODUÇÃO

*"Os poetas nos ajudarão a descobrir em nós uma alegria
tão expressiva ao contemplar as coisas que às vezes
viveremos, diante de um objeto próximo, o
engrandecimento de nosso espaço íntimo."
(Bachelard)*

A humanidade se desenvolveu ao longo do tempo sempre na busca do “poder”, na busca do domínio de seu medo e na busca de seu “sentido de vida”. Isso é uma constante, pois a cada nova descoberta, surgem também novos medos.

A realização desta busca aconteceu com a Ciência e a Poesia de mãos dadas. Nas sociedades primitivas, as atividades humanas assumiam a forma de ritos religiosos, ou seja, o homem se caracterizava como “homo ludens”, um homem à procura de um conhecimento subjetivo; a grande preocupação era o conhecimento da natureza e o cultivo das idéias. Na era da

¹ Mestre em Tecnologia – Área de Concentração: Educação Tecnológica, pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG
Professora do Centro Universitário de Ciências Gerenciais - UNA

razão, a Ciência separa-se da Poesia, o homem se transforma em “homo laborans”², e o que importa é o conhecimento objetivo. Surge, assim, a Ciência Moderna, que se caracteriza pelo enlaçamento do conhecimento da natureza (ciência), com o domínio das forças naturais (técnica).

O que se percebe hoje, é um grande avanço da técnica. O homem chega a um patamar de desenvolvimento tão grande que seu poderio militar poderá destruí-lo mais de uma vez; o progresso na área de biotecnologia poderá ajudá-lo a resolver muitos de seus problemas, inclusive o da fome, se assim o desejar.

Os seus medos, porém, não desapareceram porque os mitos foram substituídos pelas máquinas, pelo poder das máquinas, pelo poder do homem-máquina: é o medo do próprio medo.

Provisoriamente não cantaremos o amor, / Que se refugiou mais
abaixo dos subterrâneos. / Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços, /
não cantaremos o ódio porque esse não existe, / existe apenas o medo,
nosso pai e nosso companheiro, / o medo grande dos sertões, dos mares,
dos desertos, / o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das
igrejas, / cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas, /
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte, / depois
morreremos de medo / e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e
medrosas.

(Drummond, 2000:145)

E o homem continua a sua caminhada em busca de mais poder, de superar o medo, e de encontrar o sentido da vida. Um poeta não aponta caminhos, mas, utilizando-se de seu saber subjetivo, tenta colaborar nesta busca, promovendo o reencontro da ciência com a poesia, ou ainda, da razão com a emoção.

A TECNOLOGIA EM DRUMMOND

*“... Se quer fumar um charuto aperte um botão.
Paletós abotoam-se por eletricidade.
Amor se faz pelo sem-fio.*

² Os termos “homo ludens” e “homo laborens” são utilizados por SCHAFF para definir as características do lúdico e do trabalho, indispensáveis à existência humana

*Não precisa estômago para digestão...”
(Drummond)*

Artífice da racionalidade, Drummond promove este reencontro da ciência com a poesia, buscando o máximo da singularidade, mostrando o mundo através da universalidade do particular, lançando um outro olhar, revelando um outro tipo de verdade, dita de outra maneira, de forma original.

Drummond não é apenas um dos mais importantes nomes da literatura brasileira de todos os tempos. Sua poesia influi invisivelmente em nosso idioma, em nossa fala, em nosso comportamento, em nossa maneira de estar no mundo, em nosso imaginário, em nosso sistema de convicções e valores, assim como a tecnologia. A tecnologia que é, em si, uma abstração de todas as artes específicas. A tecnologia explica de maneira completa, clara e ordenada, todos os trabalhos, assim como seus fundamentos e suas conseqüências.

Para DRUCKER (1997:10), “a própria palavra é um manifesto que combina “*téchné*”, isto é, o mistério de uma habilidade, com “*logia*”, conhecimento organizado, sistemático, significativo”.

Para Marx, tecnologia é saber social objetivado. Porém, a forma como este saber social é objetivado modifica-se na história. A partir do século XIX esta objetivação ocorre, principalmente, sob a égide do conhecimento científico.

Para McLuhan , a tecnologia cria um ambiente humano totalmente novo. No início se caracteriza como a expressão dos sentidos, num segundo momento porém passará a atingi-los e alterá-los. Os indivíduos são modificados, alterados, por suas técnicas de comunicação.

Este ambiente caracteriza a civilização tecnológica. A civilização de uma comunicação alucinadora, erigida em Deus do homem contemporâneo. Como disse o próprio McLuhan, “o meio é a mensagem”. E assim, o poeta revela esta mensagem:

Eis-me prostrado a vossos peses / que sendo tantos todo plural é pouco / Deglutindo gratamente vossas fezes / vai-se tornando são quem era louco. / Nem precisa cabeça pois a boca / nasce diretamente do pescoço... / Genucircunflexado vos adouro ... / Salve, meio-fim / de finrinfinfim... / Senhor dos lares / e lupanares... / Dorme na tumba a cultura oral / Era uma vez a cultura visual... / A mensagem é o meio / de chegar ao Meio... / Senhor! Senhor! / quem vos salvará / de vossa própria, de vossa terrível / estremendona / inkomunikhassão?

(Drummond, 1973:3-7)

Na era da comunicação, as primeiras mídias eram extensões do corpo e dos sentidos, dos olhos e dos ouvidos humanos. No entanto, hoje, as telecomunicações se constituem não somente extensões do sistema nervoso central, mas técnicas que sobre ele rebatem, determinando uma modelagem da sociedade.

FRIEDMANN utiliza-se de dois conceitos para caracterizar este novo modelo de sociedade: pré-tecnológica e tecnológica. Na primeira havia um maior contato com a natureza, a vida urbana quase nada se distinguia da vida rural.

Um bom exemplo para essa visão é o poema de Drummond, “Lembrança do Mundo Antigo”:

Clara passeava no jardim com as crianças./ O céu era verde sobre o gramado, / a água era dourada sob as pontes, / outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados, / O guarda-civil sorria, passavam bicicletas, / a menina pisou a relva para pegar um pássaro, / o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era tranqüilo em redor de Clara.

As crianças olhavam para o céu: não era proibido. / A boca, o nariz, os olhos estavam abertos. Não havia perigo. / Os perigos que Clara temia eram a gripe, o calor, os insetos. / Clara tinha medo de perder o bonde das 11 horas, / nem sempre podia usar vestido novo. Mas passeava no jardim, pela manhã!!!

Havia jardins, havia manhãs naquele tempo!!!

(Drummond, 1967:115)

Os meios de transporte eram ainda rudimentares e os homens se preparavam para o ofício de “mestres”, a vida passava lentamente.

Casas entre bananeiras / mulheres entre laranjeiras / pomar amor
cantar. / Um homem vai devagar. / Um cachorro vai devagar. / Um burro
vai devagar. / Devagar... as janelas olham./ Êta vida besta, meu Deus.

(Drummond, 1967:67)

A sociedade pré-tecnológica, ainda se faz presente na obra de Drummond, quando o poeta fala de seus laços familiares, da força do passado de onde originou o seu modo de ser e de encarar a realidade, da natureza e da vida antiga em Itabira.

Alguns anos vivi em Itabira. / Principalmente nasci em Itabira. / Por
isso sou triste, orgulhoso: de ferro / Noventa por cento de ferro nas
calçadas. / Oitenta por cento de ferro nas almas./ E esse alheamento do
que na vida é porosidade e comunicação. / A vontade de amar, que me
paralisa o trabalho, / Vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres
e sem horizontes. / E o hábito de sofrer, que tanto me diverte, / É doce
herança itabirana. / Tive ouro, tive gado, tive fazendas. Hoje sou
funcionário público. / Itabira é apenas uma fotografia na parede./ Mas
como dói!

(Drummond, 1973:86)

Na civilização tecnológica há um abandono das questões da natureza, uma distinção latente entre “campo” e “cidade”, e os homens deixam de ser “os mestres” para ser “os números”, fazendo tudo o que seja possível fazer, com a máxima eficiência e a maior produtividade; é a era da comunicação e da informação, ou melhor, do excesso de informação.

Tempo / nublado em Amsterdã, temperatura 2°C / nublado em
Frankfurt am Main, 4°C / chuva em Londres, 5°C / nublado em Moscou,
menos 10°C / nublado em Telavive e Beirute, 18°C / bom em Hong Kong,
22°C / ... Índice de poluição / na Rodoviária de São Paulo: / 12:6
satisfatório ? Na Rua Tamandaré 693: / 15:7 insatisfatório / ...Crise
monetária superada / até a próxima vez / ... Anunciamos uma vida melhor
/ no Alto da Consolação: / 2 apartamentos por andar / acabamento
personalizado ... / Mortalidade infantil decresce / em países de 3º mundo /
mas a dieta dos sobreviventes / diz J. M. Bengos da Organização Mundial
de Saúde / continua deficitária ... / Oportunidade para / operadora Olivetti
/ operadora Ruff / operadora Burroughs / operador Ascotta / ... Liquidação
de eletrodomésticos / ofertas de / perder o sono / derrubar por nocaute /
matar de coração ... / Morre no Recife carnaval dos frevos ... / Aumenta a

dimensão da crise de petróleo... / Bomba francesa explode / no Pacífico / seqüestrador faz explodir avião ...

(Drummond, 1973:8-19)

O mundo apresenta-se como um sistema fechado, em que dificilmente se verifica solução definitiva para a resolução de problemas e a tecnologia nesta civilização se apresenta como solução definitiva, levando a aumento do problema original e à multiplicação de outros problemas.

Ai, Eulina, abro mão – que pena – / de teus encantos mais suaves. /
Extinguiu-se a vida serena, / mísseis assustam homens e aves.

Nise, Nise, que em áureas horas / minha doçura foste, hoje és /
condenada à morte, e choras, / pois há mísseis sob teus pés.

...

Sim, pereça todo prazer / e das amadas toda glória. / Com seu
satânico poder, / os mísseis enterram a História.

(Drummond, 1984:91)

O poeta releva essa complexidade, ao falar do poder e do saber dos ingleses, evidenciado no processo de extração do minério de ferro, o que, a princípio se apresenta como solução de problemas,

Cada um de nós tem seu pedaço no pico do Cauê./ Na cidade toda
de ferro / as ferraduras batem como sinos. / Os meninos seguem para a
escola. / Os homens olham para o chão. / Os ingleses compram a mina /
Só, na porta da venda, Tutu Caramujo cisma na derrota incomparável.

(Drummond, 2000:25)

se traduz na derrota de um povo. Com o passar dos anos, estes problemas, de antemão solucionados, se transformam em questões de sobrevivência e de manutenção da história deste mesmo povo.

O maior trem do mundo / leva minha terra / para a Alemanha / leva
minha terra / para o Canadá / leva minha terra / para o Japão / O maior
trem do mundo / puxado por cinco locomotivas a óleo diesel / engatadas
geminadas embestadas / leva meu tempo, minha infância, minha vida /
triturada em 163 vagões de minério e destruição...

(Drummond, 1973:75)

Drummond constrói também poemas em que contempla a mudança dos tempos, o progresso chegando e invadindo a antiga paisagem, como em "A rua diferente" , ou "Canto Mineral" .

Entretanto, a civilização tecnológica apresenta também aspectos positivos. Muitos dos medos de sociedades anteriores deixaram de existir com a ajuda da tecnologia.

DRUMMOND não é só nostalgia, não é só pessimismo, ele aponta o valor desta "tecnologia" ao falar do mundo da imagem, num "Papo com Lumière":

Oi, Louis Lumiere, que alegria falar com você / através do tempo e dos seus filmes-relâmpago! / Vou assistir agora, 89 anos depois, / à saída dos operários de seu estúdio... / Só você e o mano Augusto não perceberam: / pensavam ter lançado uma simples curiosidade científica / de breve duração brincadeira sem conseqüências / e criaram um outro mundo dentro do mundo velho e bocejante. / Libertaram as imagens: / elas agora entram em nossas casas, misturam-se as nossas vidas / - Maravilha... / A invenção ingênua transformou-se em formidável indústria universal / que chega até à Lua e embala o sonho dos seres humanos. / Obrigado, meu velho!

(Drummond, 1996:39-40)

Apesar do valor creditado à tecnologia, Drummond continua testemunhando a massificação e a coisificação do ser humano, quando constrói o poema, Eu, Etiqueta.

Em minha calça está grudado um nome / que não é meu de batismo ou de cartório, / um nome ... estranho. / Meu blusão traz lembrete de bebida / que jamais pus na boca, nesta vida. / Em minha camiseta, a marca de cigarro / que não fumo, até hoje não fumei. / Minhas meias falam de produto / que nunca experimentei / mas são comunicados a meus pés...

Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro, / minha gravata e cinto e escova e pente, / meu copo, minha xícara, / minha toalha de banho e sabonete, / meu isso, meu aquilo, / desde a cabeça ao bico dos sapatos, / são mensagens, / letras falantes, ...

É doce estar na moda, ainda que a moda / seja negar minha identidade, / trocá-la por mil, açambarcando / todas as marcas registradas, / todos os logotipos do mercado ...

Hoje sou costurado, sou tecido / sou gravado de forma universal, / saio da estampa, não de casa, / da vitrina me tiram, recolocam, / objeto

pulsante mas objeto / que se oferece como signo de outros / objetos
estáticos, tarifados. / Por me ostentar assim, tão orgulhoso / de não ser eu,
mas artigo industrial, / peço que meu nome retifiquem. / Já não me
convém o título de homem. / Meu nome novo é coisa. / Eu sou a coisa,
coisamente.

(Drummond, 1997:87-89)

Também como testemunha do avanço tecnológico, o poeta prenuncia o nascimento de um
novo homem:

O homem será feito / em laboratório. / Será tão perfeito / como no
antigório. / Rirá como gente, / beberá cerveja / deliciadamente... /
Queimará arruda / indo ao canjerê, / e do não-objeto / fará escultura. /
Será neoconcreto / Se houver censura... / O homem será feito / em
laboratório / muito mais perfeito / do que no antigório... / “Nove meses,
eu? / Nem nove minutos.” ... / Nascerá bonito? / Corpo bem talhado? /
claro: não é mito, / é planejado... / Sua independência / é total: sem
marca / de família, vence / a lei do patriarca... / Pai: macromolécula; /
mãe: tubo de ensaio / e, *per omnia secula* ... / eis que o homem feito / em
laboratório / sem qualquer defeito / como no antigório, / acabou com o
Homem / Bem feito.

(Drummond, 1997:90-93)

Com este poema, DRUMMOND traduz o sentimento do homem diante da evolução da
ciência.

CIÊNCIA E POESIA

Poderia então, como mostra o poeta Drummond, fazer o caminho da ciência e da poesia se
encontrar?

A ciência e a poesia são dois caminhos de investigação. A ciência busca o conhecimento
objetivo e a poesia, o conhecimento subjetivo. O cientista cria uma teoria que seja verificável,

Começo a ver no escuro / um novo tom / de escuro / Começo a ver o
visto / e me incluo / no muro. Começo a distinguir / um sonilho, se tanto,
/ de ruga. / E a esmerilhar a graça / da vida, em sua / fuga.

(Drummond, 1967:301)

enquanto, o poeta, realiza um falso discurso, ou seja, o que está dizendo não é passível de
verificação.

O poeta, com seu claro enigma, / que nada tem de enigma – é claro
– / saúda em Cyro um paradigma / de escritor diserto e preclaro.

(Drummond, 1967:391)

O cientista procura descobrir alguma coisa que não foi descoberta antes, enquanto, o poeta, procura expressar algo que não foi expresso antes. Ambos buscam a revelação, o que os diferencia, no entanto, são os instrumentos.

Os gregos observavam o mundo mais como poetas do que como homens da ciência. Platão porém, banuiu a poesia com o mesmo gesto com que o positivismo banuiu a doutrina das idéias. A ciência separa-se da poesia.

“... A madureza sabe o preço exato / dos amores, dos ócios, dos
quebrantos, / e nada pode contra sua ciência / e nem contra si mesma. O
agudo olfato, / o agudo olhar, a mão, livre de encantos, / se destroem no
sonho da existência.”

(Drummond, 1967:138)

Primeiro foram os filósofos que expulsaram os poetas de sua república, depois foram os técnicos que destronaram a filosofia. O saber foi uma invenção do poeta, e a eternidade da Grécia se deve primeiramente a um Homero e depois a um Platão. Nas épocas de crise o que se observa, é um retorno à poesia; isso se explica, pois, o poeta é livre para falar de suas emoções.

Mas como disse ADORNO, como falar em poesia depois de Auschwitz?

Impossível compor um poema a essa altura da evolução da
humanidade. / Impossível escrever um poema – uma linha que seja – de
verdadeira poesia. / O último trovador morreu em 1914. / Tinha um nome
de que ninguém se lembra mais...

Os homens não melhoraram / E matam-se como percevejos. / Os
percevejos heróicos renascem. / Inabitável, o mundo é cada vez mais
habitado. / E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo
dilúvio.

(Drummond, 2000:59-60)

A criação poética é fortemente afetada pelo ambiente. As formas de construção da poesia são influenciadas pelas tecnologias, pelas idéias do mundo atual.

A máquina do mundo se entreabriu / para quem de a romper já se esquivava / e só de o ter pensado se carpia. / Abriu-se majestosa e ircunspecta, / sem emitir um som que fosse impuro / nem um clarão maior que o tolerável / pelas pupilas gastas na inspeção / contínua e dolorosa do deserto, / e pela mente exausta de mentar / toda uma realidade que transcende / a própria imagem sua debuxada / no rosto do mistério, nos abismos.

(Drummond, 1967:271)

Porém, a sociedade tecnológica necessita de que não só se cruzem os caminhos da ciência com os caminhos da poesia, de que não só se fale de poesia, mas que se veja a tecnologia com os olhos da poesia, que vê sempre todas as coisas pela primeira vez, que envolve cada coisa com todos os mistérios de sua existência. Seria isso uma utopia? Mas não se vive sem utopia.

Não serei o poeta de um mundo caduco. / Também não cantarei o mundo futuro. / Estou preso à vida e olho meus companheiros. / Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças. / Entre eles, considero a enorme realidade. / O presente é tão grande, não nos afastemos. / Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história, / não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela, / não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida, / não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins. / O tempo é minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, / a vida presente.

(Drummond, 1967:111)

A sociedade tecnológica precisa se humanizar. Não seria possível humanizar através da poesia? E é o que mais uma vez lembra o poeta.

O homem bicho da Terra tão pequeno / chateia-se na Terra / lugar de muita miséria e pouca diversão, / faz um foguete, uma cápsula, um módulo / toca para a Lua / pisa na Lua ... / experimenta a Lua / civiliza a Lua / humaniza a lua... / Restam outros sistemas fora / do solar a col- / onizar. / Ao acabarem todos / só resta ao homem / (estará equipado?) / a difícilíssima e perigosíssima viagem / de si a si mesmo: / pôr o pé no chão /

do seu coração / experimentar / colonizar / civilizar / humanizar / o
homem / descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas / a perene,
insuspeitada alegria / de con-viver.

(Drummond, 1973:2-22)

Bibliografia

ADORNO, T. , HORKHEIMER, M. Dialética do esclarecimento: *fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, T. Educação após Auschwitz. In: *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995

ANDRADE, Carlos D. Obra Completa. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1967.

____. As impurezas do branco. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1973.

____. Corpo. Rio de Janeiro: Record, 1984.

____. Poesia errante: *derrames líricos (e outros nem tanto, ou nada)*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

____. A palavra mágica. Seleção Luzia de Maria. Rio de Janeiro: Record, 1997.

____. Sentimento do Mundo. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

DRUCKER, Peter. *Sociedade pós-capitalista*. São Paulo: Pioneira, 1997.

FRIEDMANN, Georges, 7 Estudos sobre o homem e a técnica. Trad. Antônio Eduardo Vieira de Almeida e Eduardo de Oliveira e Oliveira. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

POSTMAN, Neil. *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*. Trad. de Reinaldo Guarany.

São Paulo: Nobel, 1994.

SCHAFF, Adam. *A sociedade informática: as conseqüências sociais da segunda revolução industrial*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade Paulista: Brasiliense, 1995.